

# Victor Pereira

14 Jan 2020

19:30 Sala 2

VIVE LA FRANCE!

ANO FRANÇA

Victor Pereira clarinete

José Alberto Gomes (Worten Digitópia) electrónica

Ricardo M. Vieira (Worten Digitópia) apoio técnico

## Gérard Grisey

*Charme* (1969; c.7min)

## Hugo Vasco Reis

*Dimensions I*, para clarinete e electrónica (2019; c.8min)\*

## João Pedro Oliveira

*Time Spell*, para clarinete em Si bemol e fita magnética de 6 canais (2004; c.11min)

## Pierre Boulez

*Dialogue de l'ombre double* (1985; c.18min)

\*Estreia absoluta; obra apoiada pelo fundo cultural da Sociedade Portuguesa de Autores.

## Gérard Grisey: *Charme*

*Charme* exemplifica um processo muito comum em música escrita para instrumento solo: o facto de a obra ter sido composta para um intérprete específico – neste caso, o clarinetista Jesús Villa-Rojo – e em estreita articulação com ele. Aliás, algumas das técnicas de execução utilizadas nesta obra foram sugeridas pelo próprio Villa-Rojo a Grisey, que na altura não as conhecia. É o caso, em particular, dos multifónicos, sons em que ouvimos o clarinete a tocar duas (ou mais) notas em simultâneo e que à data de composição da obra – em 1969 – não estavam ainda muito difundidos, nem sequer nos círculos mais vanguardistas. Grisey e Villa-Rojo conheceram-se a propósito dos encontros de composição da Academia Chigiana, em Siena. Grisey, que era na altura aluno de Olivier Messiaen, era um jovem compositor de 23 anos de idade, tendo sido *Charme* uma das suas primeiras obras publicadas.

Na verdade, a obra não é ainda muito característica do estilo spectral que Grisey inauguraria uns anos mais tarde, a meio da década de 70, em conjunto com o seu colega e amigo Tristan Murail – um estilo focado na transformação lenta e gradual do timbre e do som. Em muitos aspectos, *Charme* é uma obra bem típica dos anos 60, em especial pelo elevado grau de liberdade de execução que Grisey confere ao intérprete em várias passagens, típico (em diferentes graus) da música de Cage, Stockhausen, Boulez e Berio dessa época. Em concreto, o ritmo em várias secções é decidido pelo clarinetista (a partir de indicações mais ou menos vagas na partitura) e há certos momentos (assinalados como “mobiles”) em que o intérprete pode escolher que música tocar a partir de múltiplos materiais fornecidos pelo compositor (um exemplo da chamada “forma aberta” que estava então em voga). Algumas passagens, contudo – certas acelerações e desacelerações rítmicas, certas passagens de timbre convencional a ruído –, anunciam já o Grisey do futuro.

---

## Hugo Vasco Reis: *Dimensions I*

Ouvimos neste concerto três peças para clarinete e electrónica, sendo a obra recém-composta (e hoje estreada) de Hugo Vasco Reis a primeira. Cada uma delas utiliza os meios electrónicos de forma diferente: assim, enquanto João Pedro Oliveira constrói os seus sons electroacústicos a partir do início (utilizando o chamado processo de síntese sonora), em vez de se basear em sons gravados pré-existentes (*samples*), tanto Vasco Reis como Boulez utilizam sons pré-gravados de clarinete como base da sua parte electrónica. Mas se na obra de Boulez esses sons aparecem de forma bastante reconhecível como uma espécie de clarinete-sombra, já na peça de Reis os sons pré-gravados são trabalhados e processados electronicamente de forma a sugerir um efeito orquestral, como se a obra fosse um concerto para clarinete e orquestra.

Esta obra de Hugo Vasco Reis inaugura um novo ciclo de peças para instrumento solo e electrónica, ao qual o compositor deu o título *Dimensions*. Daí o título da obra que hoje ouvimos: *Dimensions I*, estando já previstas outras obras para saxofone, violoncelo e flauta de bisel (sempre com electrónica). Este ciclo vem juntar-se a outros, como é o caso de *Colors Seen in Silence* (duos com piano), *Micro Images* (miniaturas desde solo a *ensemble*) e *Metamorphosis and Resonances*, um ciclo de 8 peças para instrumento solo (sem electrónica), cujo registo em disco foi nomeado em 2017 para o Prémio SPA de melhor trabalho de música erudita. Toda essa obra testemunha o envolvimento do compositor no âmbito da música de câmara e o seu trabalho próximo com os instrumentistas (cada uma dessas peças é normalmente escrita para um solista ou um grupo de solistas específicos). É também o caso da obra que hoje ouvimos, encomendada por Victor Pereira (com apoio do fundo cultural da SPA), o qual tinha já gravado uma peça de Vasco Reis para dois clarinetes (*From Where the Wind Blows*) e uma outra para clarinete e piano (*Colors Seen in Silence I*).

---

## João Pedro Oliveira: *Time Spell*

Como refere João Pedro Oliveira numa entrevista, até 1998 a sua música envolvia “ora electroacústica pura ora música instrumental pura”, sendo raros os casos em que combinava os dois elementos. Nos anos seguintes, porém, e com especial destaque para o período de 1998 a 2004, Oliveira procura a “fusão entre a electroacústica e a música instrumental. Por um lado, a [música] instrumental aproxima-se da electroacústica através da utilização de técnicas mais contemporâneas e menos tradicionais de tocar e a electroacústica faz precisamente o mesmo percurso na direcção do instrumental buscando um gesto electroacústico que soe humano”.

A obra que hoje ouvimos, composta em 2004 no *Institut de Musique electroacoustique de Bourges* (instituição que a encomendou), insere-se plenamente nessa fase. Combinando clarinete solo e fita magnética, explora várias formas de diálogo e complementaridade entre a componente acústica (ao vivo) e a componente electrónica (pré-gravada). Sem deixarem de estabelecer dois planos diferenciados, as duas componentes ligam-se

por ecos e afinidades tímbricas e harmónicas, as quais, por vezes, quase nos fazem duvidar se o que ouvimos é o instrumento acústico ou a electrónica.

O título – *Time Spell* – alude à ideia que serviu de inspiração à obra: “uma história em que um homem é condenado a viver o mesmo dia repetido, até ao fim da sua vida, (...) [tendo] de inventar diferentes formas de superar a monotonia e a repetição, e encontrar a novidade” (nota de programa do compositor).

---

## Pierre Boulez: *Dialogue de l'ombre double*

Na célebre obra teatral *Le Soulier de Satin*, escrita por Paul Claudel em 1929, há uma cena em que a sombra de duas das personagens é projectada numa parede, formando uma figura única, como se fossem um só. É a essa “sombra dupla” (*ombre double*) que faz referência o título desta obra de Pierre Boulez para clarinete e electrónica, composta em 1985 para o sexagésimo aniversário do compositor italiano Luciano Berio (a quem é dedicada).

A ideia do duplo manifesta-se na obra através de duas formas de presença do solista em palco: por um lado, uma presença mais concreta e corporal, tocando música ao vivo, como é habitual num concerto; por outro, uma presença mais irreal e até fantasmagórica, com partes pré-gravadas pelo próprio solista e difundidas de modo puramente electroacústico, através de seis altifalantes. No primeiro caso, a fonte do som é visível e o som mais real (ainda que ligeiramente processado electronicamente em algumas partes); no segundo, a fonte é invisível e o som viaja livremente no espaço (entre as várias colunas), criando um carácter mais etéreo e irreal: é como se ouvíssemos, efectivamente, a sombra do solista. A estrutura da obra consiste, basicamente, numa alternância entre esses dois tipos de momentos, sendo que Boulez designa de *Strophes* as partes tocadas ao vivo e de *Signes e Transitions* as partes pré-gravadas.

*Dialogue de l'ombre double* é uma das obras mais importantes de Boulez com meios electrónicos, sendo frequentemente comparada a *Répons* (1981-84), obra mais ambiciosa para grande *ensemble* e electrónica, da qual *Dialogue* é uma espécie de companheiro em formato mais reduzido. Ambas as obras foram compostas em Paris no IRCAM – o *Instituto de Pesquisa e Coordenação Acústica/Música* que tinha sido fundado pelo próprio Boulez, a pedido do presidente francês Georges Pompidou, no início da década de 1970. E ambas exploram, em particular, as ideias de ressonância e de espacialidade, aspectos musicais altamente potenciados pelo tratamento electroacústico.

Cada uma das partes em que se divide *Dialogue* explora um aspecto particular da escrita virtuosística para clarinete, como se de pequenos estudos se tratasse. Mas não se pense – dada tanta ênfase técnica, acústica e electroacústica – que a música é um mero exercício abstracto. Para já, é uma música cheia de lirismo (como o sugerem indicações na partitura como “flexible, fluide” ou “méditatif”); além disso, o próprio Boulez e os seus intérpretes chamam a atenção (em entrevistas) para certas imagens mais concretas evocadas pela música, como um ritual africano de encantação da chuva (no início da obra) ou golpes de karaté (na *Strophe III*).

## Victor Pereira clarinete

Na carreira artística de Victor Pereira, que conta já com mais de duas décadas, destacam-se os dezanove anos como solista do Remix Ensemble. O seu portfólio discográfico inclui mais de duas dezenas de discos dedicados à música contemporânea. Destes, destacam-se o disco *CONCERTO* com gravações ao vivo com o Remix Ensemble de concertos de Elliott Carter, Jorge Peixinho e Pascal Dusapin, o disco *MO(VI)MENTOS* com obras para clarinete solo de compositores portugueses e, mais recentemente, o disco *Metal* do duo 2RV (com o clarinetista Ricardo Alves). A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o disco *Pascal Dusapin ao Vivo 2012* (edição Casa da Música), com a participação de Victor Pereira como solista em *Aria* de Pascal Dusapin, na sua restrita lista de Escolha dos Críticos do Ano 2013. Gravou obras de Emmanuel Nunes, Miguel Azguime, António Pinho Vargas, António Victorino d'Almeida, Nuno Côrte-Real, Jorge Peixinho, Bernhard Lang, James Dillon, Brice Pauset, Johannes Maria Staud, Klaus Ib Jorgensen, Wolfgang Mitterer, Karin Rehnqvist, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Johannes Schöllhorn, George Aperghis, Luís Carvalho, Jorge Prendas, Nuno Peixoto de Pinho, Paulo Ferreira, Alexandre Delgado, Daniel Moreira, Bruno Mantovani, Hebert Vázquez e Brad Baumgardner para as editoras Numérica, Casa da Música, Westdeutscher Rundfunk WDR, Villa Concordia, Da Capo, Aeon e Col Legno.

Desde o ano 2000, é solista do Remix Ensemble Casa da Música, onde trabalhou com maestros como Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel, Baldur Brönnimann, Heinz Holliger, Olari Elts e Pedro Neves, entre outros, apresentando-se nas mais prestigiadas salas nacionais e em cidades como Valência, Barcelona, Madrid, Ourense, Huddersfield, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Roterdão, Amesterdão e Luxemburgo, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg, Festival Internacional de Música de Espinho, Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim e Donaueschinger Musiktage.

Como solista, o seu repertório inclui obras de W. A. Mozart, C. M. von Weber, Elliott Carter, Pascal Dusapin, Pierre Boulez, Georges Aperghis, Telmo Marques, Hanspeter Kyburz, Oscar Navarro e John Corigliano, entre outras. Na vertente da música de câmara, integra actualmente o duo 2RV com o clarinetista Ricardo Alves e toca também em duo com o pianista Vítor Pinho. Foi convidado a colaborar com a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Sinfónica da Galiza, a Orquestra Gulbenkian, a Filarmónia das Beiras e o Ensemble Orquestral do Porto.

É professor de clarinete e música de câmara na Academia de Música de Castelo de Paiva e na Escola Profissional de Música de Espinho. Colaborou também como professor com o Instituto Piaget e com a Escola Superior de Música e das Artes do

Espectáculo – IPP. É regularmente convidado a orientar master-classes e foi convidado para membro de júri do Concurso Internacional de Fafe, do Concurso Nacional de Clarinetistas da Associação Portuguesa do Clarinete e do Prémio Jovens Músicos da RTP Antena 2. É coordenador artístico da Academia Ibero-Americana do Clarinete, que se realiza anualmente em Castelo de Paiva (Portugal).

Depois de estudar na Academia de Música de Castelo de Paiva, Victor Pereira continuou a sua formação na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo. Ao longo do seu percurso académico trabalhou com Agostinho Vieira, Luís Carvalho, Luís Silva e Nuno Pinto, concluindo a Licenciatura na classe de António Saiote – com o Prémio Fundação Eng.º António de Almeida. Detém ainda, desde 2006, o grau de Mestre em Performance Musical pela Universidade de Aveiro, onde trabalhou com Alain Damiens.

Foi premiado em vários concursos dos quais se destacam: II Concurso Nacional de Jovens Clarinetistas (nível superior), organizado pela Associação Portuguesa do Clarinete; I Concurso Internacional de Clarinete do Porto, no qual lhe foi também atribuído o Prémio do Público; Prémio Jovens Músicos (Solista – nível superior e Música de Câmara); 3rd Osaka International Chamber Music Competition & Festa, no Japão.

## José Alberto Gomes electrónica

Músico, artista sonoro, professor e curador do Porto. Formado em Composição, criou laços muito fortes com as novas possibilidades tecnológicas e o papel da música em teatro, cinema, instalações e electrónica na improvisação, tendo especial interesse em procurar novas formas e novos “lugares” musicais. Doutorado em Computer Music pela Universidade Católica Portuguesa, é docente na Universidade de Aberta e na Escola de Artes – UCP e investigador no CITAR. Foi curador do projecto Digitópia Casa da Música (2013-2018) e programador do projecto educativo Circuito – Braga Media Arts, cidade criativa da UNESCO (2018-2020). Mantém uma actividade próxima com a música enquanto performer, compositor, maestro e artista sonoro, tendo trabalhado com instituições e agrupamentos como Remix Ensemble, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, FITEI, Journées Européennes du Patrimoine, Fundação de Serralves, Teatro Oficina, TEP, Sonoscopia e Hong Kong New Music Ensemble, entre outros. Apresenta-se regularmente em projectos a solo e colectivos ou em parcerias, nas áreas de música e sonoplastia para peças de teatro, vídeo e cinema, como criador de instalações sonoras e como compositor para electrónica e ensemble instrumental.

APOIO



INSTITUT  
FRANÇAIS  
Portugal

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

